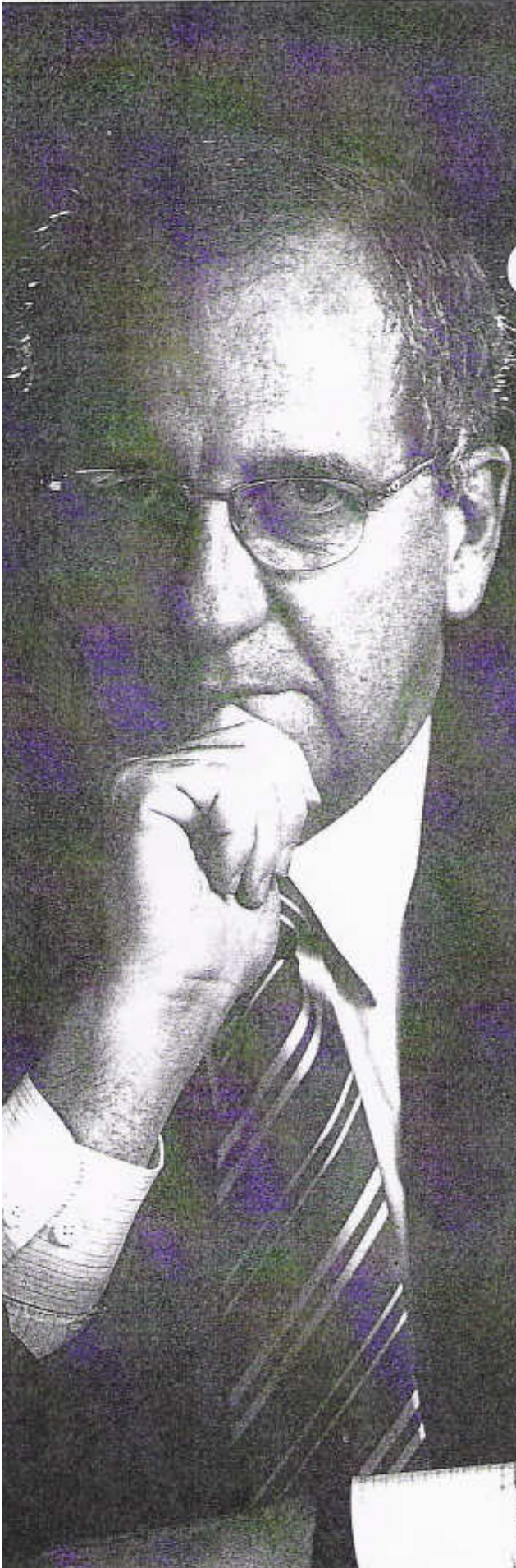




"A era da pedra no lago acabou"

Antes, a opinião da classe média se estendia em ondas para as classes de baixo. Agora, a classe C tem opinião própria, explica Franklin Martins. Essa constatação advém de décadas de experiência política.

Aos 14 anos ele já se considerava comunista; só não entrou para o PCB por causa do golpe militar. Escolheu a luta armada, participou do seqüestro do embaixador americano, treinou guerrilha em Cuba, caiu na clandestinidade. No fim da ditadura retomou a carreira de jornalista, chegando aos poucos às grandes redações. Analista político consagrado, aprendeu a falar ao grande público em horário nobre, como comentarista do *Jornal Nacional*. Mas como conciliar o tom sóbrio e rigoroso de suas análises com a cobertura da Globo do "escândalo do mensalão"? Franklin Martins mudou de emprego e manteve as convicções. Aqui, ele lança luzes sobre a história recente do país na política e no jornalismo.

FRANKLIN MARTINS

ENTREVISTADORES: MARINA AMARAL, MICHAELLA PIVETTI, PALMERIO DÓRIA, HAMILTON OCTAVIO DE SOUZA, JOAO DE BARROS, ROBERTO MANERA, MARCOS ZIBORDI, THIAGO DOMENICI, RENATO POMPEU, SERGIO DE SOUZA.

FOTOS: JOHNNY

Sérgio de Souza – Em termos eleitorais, você acha que há alguma influência dessa história do PCC em São Paulo? Evidente que a crise de segurança foi ruim pro Alckmin, porque ele largou o governo de São Paulo em março muito bem avaliado, com a imagem de um político moderno, homem íntegro, gerente competente. Era aquilo, “eu arrumei São Paulo, vou arrumar o Brasil”, e saiu do governo. Um mês e pouco depois estourou a crise do PCC, que minou esse discurso. A ideia que passa é a seguinte: “São Paulo não está tão arrumado assim, tem alguma coisa de esquisito aí”. A repetição das ondas de ataques do PCC minou o discurso de ordem na casa. Em função dos escândalos, do mensalão etc., havia uma percepção de bagunça na sociedade, então esse discurso tinha um apelo razoável, mas foi afetado pela crise do PCC. É evidente que essa crise tem uma consequência política, mas não uma motivação política. Outro dia, numa entrevista na Bandeirantes, o Saulo falou que o PT está por trás – sinceramente, acho que isso é de uma gravidade, tem que provar pra poder dizer.

Hamilton Octavio de Souza – É por que essa crise não está contaminando o Serra?
Ele procurou manter distância, mais ou menos como se dissesse: “Não tenho nada a ver com isso”. Talvez não contamine porque o Alckmin e ele trocaram na disputa pela candidatura e isso está sendo posto na conta do Alckmin. O Serra pode perfeitamente dizer: “Eu faria diferente”.

Marcos Zibordi – Se esse pilar da segurança seria um dos mais usados, o que o Alckmin vai dizer agora?
O pilar do Alckmin não era a segurança. Era um pouco a questão da ética e um pouco a questão da eficiência. A questão da eficiência ficou atingida, não quer dizer que ele não possa recompor, mas ficou atingida. Quanto à questão da ética, tem um problema: estamos no início do programa eleitoral, o Alckmin está em torno de 20 e poucos por cento. O Lula em torno de 45, Heloísa Helena, 12, e já está claro que Heloísa Helena não toma voto de Lula, ela toma de Alckmin – os dois repartem uma fatia do eleitorado anti-Lula. Então, pra virar esse jogo, o Alckmin terá que tomar votos do Lula, porque tomar da Heloísa Helena não adianta nada pra ele. E o voto do Lula é um voto razoavelmente consolidado, todas as pesquisas mostram isso. Ele tem de voto espontâneo em torno de 35 por cento e voto espontâneo, em princípio, não muda. O Alckmin tem que tirar voto dali. O discurso da ética não tira, porque esse sujeito que está decidido a votar no Lula está sabendo de todos os problemas éticos que afetaram o governo do PT. E acha o seguinte: “Apesar disso, quero votar no Lula, os outros também roubaram, isso não é um privilégio negativo do atual governo, no Brasil sempre se roubou e vai continuar a roubar”. É um certo cinismo do eleitor, um realismo, digamos assim, ele olha e diz: “Isso aí vale pra todo mundo”. Então, a ética não tira substancialmente voto do Lula.

Palmério Dória – Peio que você está dizendo, parece que o Lula só pode perder pro Luiz Inácio, é isso?
Essa é uma das hipóteses. Porque o Lula às vezes fala demais, tropeça nas palavras e cria situações e armadilhas pra ele mesmo. O Chico Buarque dizia que devia ter um ministro do “vai dar merda”. Acho que devia ter um assessor com uma cordinha amarrada no pé do presidente. Isso valeria pro Fernando Henrique e pro Lula. Começou a se empolgar com platêia a favor, puxa a cordinha, que ele vai falar bobagem.

Palmério Dória – Retrospecto: desde 1994, quem está na frente nas pesquisas não perde.
O que se diz é o seguinte: em geral, quem larga na frente no horário eleitoral vence. Isso é verdade, mas cada eleição é diferente das anteriores. Até agora foi assim, essa pode ser diferente, mas acho que não há uma tendência de mudanças excepcionais no quadro daqui pra frente, porque, na verdade, já estamos em campanha eleitoral há um ano e pouco. Estamos vivendo um processo de confrontação na sociedade, de choque político, de envenenamento político que vem de algum tempo. Já ouvimos de tudo em relação ao Lula, então, a menos que seja alguma coisa muito nova e muito, vamos dizer, arrasa-quarteirão e não tenha explicação... O problema é o seguinte: mal ou bem, por que o Lula está na frente? Porque o povo acha que está vivendo melhor hoje do que antes. É isso, certo ou errado.

Marina Amaral – Você acha que é o Bolsa-Família ou é a figura dele mesmo?
É um monte de coisas. A figura dele acho que funciona como um cimento, mas não é só o Bolsa-Família. A inflação está sob controle e isso, pra qualquer governante que está disputando eleição, é ótimo, porque passa a ideia de que o país está organizado. Isso foi bom pro Fernando Henrique e está sendo bom pro Lula com mais razão ainda, porque a inflação está mais sob controle e, mais do que isso, os preços dos gêneros de primeira necessidade, na relação com o salário, caíram, eles sobem abaixo da inflação. E mais: com o salário mínimo hoje você compra 70 por cento a mais de alimentos do que comprava há quatro anos. Então o que acontece? O povo está comendo mais. Não sou eu que digo, todas as pesquisas mostram isso. E pode abrir um carne pra comprar o fogão que a patroa está querendo, e vai tendo uma percepção de que “minha vida está melhorando”. Então, ele pode trocar de candidato? Pode, mas tem de ser convencido a trocar. Até agora não vi algo que convencesse. O que o Alckmin diz? “Vou manter o Bolsa-Família”. E o cara diz: “Tudo bem, ele vai manter, mas eu já tenho com o Lula”. Alckmin diz: “O Brasil vai crescer mais”. Tudo bem, mas ele tem que convencer que o Brasil vai crescer mais. Então, ele tem uma dificuldade, a meu ver, de acrescentar alguma coisa nesse discurso. Por que o Lula está forte? Não é porque é carismático. Isso ajuda, mas é porque as pessoas acham que estão em situação melhor hoje. Tanto é que onde o Lula está se segurando? Classes C, D e E. Acho que temos um fenômeno novo importantíssimo na vida política brasileira do qual as pessoas ainda não se deram conta. Vai ser motivo de tese acadêmica, de grandes discussões a partir de agora, que é o seguinte: a era da pedra no lago acabou. Nós tínhamos um padrão de comportamento que vem desde o final da luta contra a ditadura. Produziu-se um fenômeno político, a classe média formava uma opinião a respeito e essa opinião se estendia para a periferia. Como a pedra no lago: caiu a pedra na classe média, formando ondas concêntricas para os lados. A classe média era a dos chamados formadores de opinião, você os conquistava, tinha resolvido a parada. Ao que assistimos nessa crise do mensalão? A classe média formou a convicção de que o governo estava tomado por uma quadrilha, por uma bandidagem etc. – não estou discutindo se isso é verdade ou não –, ela formou essa convicção, bateu a pedra no lago, as ondas começaram, daí a pouco... bateu em algum lugar, tinha um dique, e as ondas começaram a voltar. Bateu onde? Bateu na classe C. É o pessoal que ganha de dois a cinco salários mínimos que olhou e disse: “Espera um instantinho, não é bem assim, eu penso um pouco diferente. Tem roubalheira? Tem. Roubou o governo? Roubou. O Lula é algum santo? Não. O Lula sabia? Acho

até que sabia, mas é o seguinte: sempre foi assim e a minha vida está melhor hoje em dia, quero discutir isso também”. O BNDES anunciou um plano para financiamento de 300.000 computadores até o valor unitário de 1.400 reais. Pra onde eles vão? Para a classe C. Seis milhões de pessoas foram incorporados à classe C segundo as estatísticas, foi manchete de todos os jornais. Quer dizer, 10 por cento do mercado brasileiro. “Agora que estou melhorando de vida, vocês querem derrubar esse governo?” Então a classe C diz que também tem o que dizer, ou seja, passamos a ter mais de um centro de informação e de opinião. A partir de agora é a classe C que vai formar opinião. É um fenômeno novo, que vamos ter que estudar. O processo de formação de maiorias políticas no país está muito mais complexo do que cinco anos atrás.

Sérgio de Souza – Você não acha que tem também nesse contexto uma maior informação nas periferias, e mais o movimento hip hop, que é politizado à beça e influi muito sobre a juventude das periferias do Brasil inteiro?
Eu não sei o que é. Estou constatando um fenômeno novo e isso a gente tem que apreender. Nós, jornalistas, já poderíamos estar apreendendo há mais tempo. Os jornais dirigidos à classe A e B não crescem faz muito tempo, mas os jornais dirigidos à classe C estão proliferando em todo o país, quer dizer, sinal de que está chegando mais gente ao mercado e à cidadania que tem, em princípio, aspirações, percurso, inquietações, hábitos, cacoetes, diferentes da classe B. Isso está pesando. Hip hop pode pesar, uma série de coisas está pesando. Isso está produzindo manifestação cultural que também tem a ver. De certa forma, a eleição do Lula significou um pouco essas pessoas se sentindo parte do jogo. Acho que temos um fenômeno político novo de riqueza extraordinária.

Marcos Zibordi – Então, admitir que o governo Lula tem problemas de corrupção e mesmo assim continuar votando nele não é só cinismo, como a gente falou no começo, mas talvez seja até politização?
Acho que é uma mistura de certa desconfiança em relação ao que havia. “Não me venham com essa porque isso sempre houve”. Repara só: o PT lá atrás fez o discurso da UDN você podia entender, porque o PT nunca tinha sido governo, nunca tinha se sujado. A UDN na década de 50 fez o discurso da UDN você entendia, porque a UDN nunca tinha sido poder, nunca tinha se sujado. Agora, a UDN, depois que foi pro poder com a ditadura fez o discurso da UDN, não dava mais. O PT fez o discurso da UDN não dá mais, o PFL e o PSDB fizeram o discurso da UDN, a pessoa olha e diz: “Aí também não dá”. Então, o jogo nivelou por baixo. É dramático, porque mostra como as instituições políticas se decompuseram, como a corrupção invadiu a política, como o financiamento de campanha e a defesa de interesses particulares dentro do Estado criaram uma promiscuidade generalizada. Mas teve uma outra coisa que é a seguinte: caíram as últimas vestais. Não tem agora os bons, os puros que podem falar dos outros. O sistema eleitoral produziu isso. Precisamos mexer no sistema. Daí a consciência crescente da necessidade de uma reforma no sistema político e eleitoral.

Sérgio de Souza – Quando você fala “o governo roubou”, em que você se baseia concretamente?
O que eu acho que tivemos nesse processo aí? Processo muito complexo, muito complicado. O PT saiu com dívidas de campanha e mais, com acordos de campanha. O que quer dizer o seguinte: fechei acordos com alguns partidos pra repassar dinheiro, no caso, PTB, PL, PP. Vamos pegar o exemplo do PL porque é o

mais conhecido de todos, do Valdemar da Costa Neto. O PL indicou o candidato a vice do Lula, o José Alencar. Aí, o Valdemar da Costa Neto virou pro José Dirceu – isso não é lenda, foi feito, isso é fato, os dois admitem – e diz o seguinte: "Mas, Zé, estamos abrindo mão do nosso candidato majoritário, vamos ter dificuldade pra eleger nossos candidatos, então precisamos de mais recursos". "Tá bom, Valdemar, de quanto você precisa?" "Vinte milhões." "Mas o que é isso, enlouqueceu?" Conversa daqui, conversa dali, acertaram em 10 milhões. Isso é algum crime? Não, desde que seja registrado na Justiça Eleitoral. É perfeitamente legal, um partido pode doar ao outro, são os acordos eleitorais, mas não registraram. Passou a ser uma doação clandestina, e o Valdemar recebeu 10 milhões de reais para administrar como quisesse, para lubrificar deputados. Por isso, a bancada do PL cresceu de vinte e poucos deputados que elegeu para quarenta e tantos. Ele foi comprando passe de

Marina Amaral – Um lobista?

"Eu resolvo o seu problema" – como dizia o Delúbio, Marcos Valério se propôs a resolver a unha encravada dele. Delúbio: "Você precisa de quanto?" "Preciso de 10 etc." No início foram empréstimos contabilizados. Genóio assinou, só que aquilo foi indo, daqui a pouco os empréstimos já não eram contabilizados. Estima-se que 55 milhões foram repassados através do Marcos Valério para o PT ou partidos que o PT indicou. A grande pergunta é: de onde veio o dinheiro do valerioduto? Alguém acredita que alguém emprestou algum dinheiro, "vou te emprestar porque quero que o governo Lula dê certo"? Evidente que não. O dinheiro foi dado como adiantamento para negócios que seriam feitos e esses negócios foram tentados. Primeiro, o Marcos Valério afirmou isso textualmente na CPI, que receberia 200 milhões de reais caso se levantasse a liquidação do Banco Mercantil de Pernambuco. Era esse e um outro negócio, o do Banco Econômico, cujo patrimônio,

veio o dinheiro. Por que não botaram a mão em nada?

Porque talvez não tenha chegado a acontecer. Não estou falando pra inocentar, acho apenas que talvez não tenha chegado. E por quê? Aí entra a questão política crucial: porque o governo era muito dividido, uma bagunça muito grande. Não havia um comando central que organizava a corrupção, como no governo Collor com o PC Farias. O Dirceu pode até ter tentado fazer determinados negócios. Um não saiu porque o Banco Central não deixou, o outro não saiu porque na Fazenda estava o Palocci, que não pensava como ele. No outro, ainda não saiu porque o Gushiken era contra. Não estou dizendo que seja por virtude, talvez pelas circunstâncias não tenha acontecido. Passei meses dizendo: "De onde veio o dinheiro do valerioduto?" Pra mim, a partir de setembro ficou claro que a CPI estava numa entalada. Ela queria provar a tese da corrupção sistêmica. "Estamos diante do maior esquema de corrupção sistêmica que o Brasil já

"A grande pergunta é: de onde veio o dinheiro do valerioduto? Alguém acredita que emprestaram para o governo Lula dar certo?"

gente. Outra parte, imagino eu, não quero afirmar com todas as letras, Valdemar da Costa Neto botou no bolso, que ninguém é de ferro...

Palmério Dória – Quer dizer, o PT o comprou, não roubou?

Claro, estou falando a primeira parte. Comprou com aquele discurso de acordo eleitoral. Vocês se lembram, no início da crise perguntavam ao Genóio: "O PT deu o dinheiro?" "O PT fez acordos eleitorais", ele afirmava como um mantra. É verdade, mas acordos eleitorais clandestinos. Na verdade, é o seguinte: eles passaram por fora dinheiro para os principais partidos. Evidentemente, pra lubrificar a aproximação, formar uma base. E isso foi feito comprando passe, não tenho dúvida...

Hamilton Octavio de Souza – E a captação?

Espera aí, eu vou lá. Nunca se investigou a turma do mensalão que recebeu embaixo, porque Valdemar da Costa Neto blindou, Janene blindou, Roberto Jefferson blindou, e ninguém investigou. O relatório final da CPI dizia o seguinte: o mensalão existiu, para transferência de deputados. Por que os caras não convocaram os deputados que trocaram de partido naquele período? Por que a CPI não foi atrás de quebrar o sigilo deles? Porque ia chegar. Não é à toa que 50 por cento dos sanguessugas haviam trocado de partido naquela ocasião. É a mesma turma. O que aconteceu? O nosso Delúbio, o nosso não, mas do Lula, está com esse problema na mão. Ele tem que resolver como pagar os acordos e as dívidas de campanha. Aí encontra na vida dele Marcos Valério, um daqueles personagens que existem nas sombras do poder, o homem que faz negócios. Um grande fazedor de negócios...

se voltasse para os antigos proprietários, valeria 5 bilhões de reais. Tentaram esse negócio. O que aconteceu? Foram no Banco Central, eu conversei com o Meirelles sobre isso, ele disse: "Vieram aqui". No caso, os acionistas dos bancos que tinham quebrado. Queriam uma modificação na legislação para poder receber lá por cima. Ele disse que não dava pra fazer. O esquema do Marcos Valério esteve dezessete vezes com a área do banco responsável, pra tratar da liquidação e não conseguiu...

Marina Amaral – O diretor de liquidação...

É, acho que o diretor de liquidação. Esteve dezessete vezes com ele e o que recebeu foi um não. Então, tentou-se fazer um negócio e não deu certo. Quer dizer o seguinte: houve? Não, não houve, houve a tentativa e não deu certo. Ok, vamos tentar outros. Tentaram outros negócios, tentaram mudar a conta no exterior do Instituto de Resseguros, tirar do banco onde estava e passar para o Banco Espírito Santo. O Roberto Jefferson falou isso textualmente, não se conseguiu porque o Ministério da Fazenda brecou. Tentaram uma outra coisa: os negócios com o Daniel Dantas. A disputa com o Dirceu e o Gushiken dentro do governo impediu. O Dirceu achava que devia haver algum tipo de solução pro Daniel Dantas: o Gushiken era mais ligado ao pessoal da Previ, pessoal dos bancos, e não aqui não. Onde estou querendo chegar? Havia um avião taxiando na pista pra fazer negócios, só que não havia teto, não conseguiram, mas em algum momento ia ter teto e eles iam fechar negócio, não tenho a menor dúvida. Isso quer dizer o seguinte: não era uma coisa de santos, ia ter sacanagem. Mas teve sacanagem? Até onde a CPI foi, até onde o Ministério Público foi, não conseguiram dizer: "O dinheiro do valerioduto veio daqui". O que eles dizem? "Evidências etc." Mas eu quero saber de onde

conhece." E não estávamos diante do maior esquema de corrupção sistêmica.

Sérgio de Souza – E quem teria sido roubado?

Até o momento, com toda certeza, quem se deu mal foi o Banco Rural e o BMO, eles micaram com 55 milhões.

Sérgio de Souza – Mas roubaram do erário?

Isso eu preciso saber. A versão mais próxima de algo consistente foi da VisaNet. Bom, primeiro VisaNet não é propriamente o erário público, mas tudo bem, o Banco do Brasil participa de parte etc. e tal. Não há nenhuma discussão se vai pra Justiça. Eu vi, conversei com pessoas do Banco do Brasil que me dizem: "Não conseguimos provar que esse dinheiro..." Porque é uma conta em aberto de publicidade. A prestação de contas dos primeiros 10 milhões eu vi. A CPI dizia: "Tem 10 milhões em aberto". Aí o que acontece? A VisaNet passava e dizia: "Não, não é bem isso, não. Nós recebemos a nota da agência de publicidade e recebemos a nota do órgão, televisão, rádio... nós não temos a fita, não temos o anúncio, então precisa comprovar. Dois milhões e pouco nós só temos a nota da empresa de publicidade e 1 milhão e pouco nós não temos nota nenhuma, não temos prova nenhuma". Eles disseram: "É um processo em andamento, porque a conta foi fechada aqui, mas é um processo em andamento". Não estou querendo dizer que não tem sacanagem, pode ter, mas isso não explica os 55 milhões. Se explicar alguma coisa, é bem menos do que 55... No entanto, queriam provar a tese de que se estava diante do maior esquema de corrupção que o país já conheceu, quando se estava diante de um esquema de corrupção que, sem dúvida, contaminou áreas importantes do governo, áreas importantes do PT, mas um esquema, aqui entre nós, absolutamente atrapalhado,

mambembe, que não conseguiu chegar, são incompetentes, até pra corrupção são incompetentes...

Palmério Dória – Quadriela desorganizada, então?

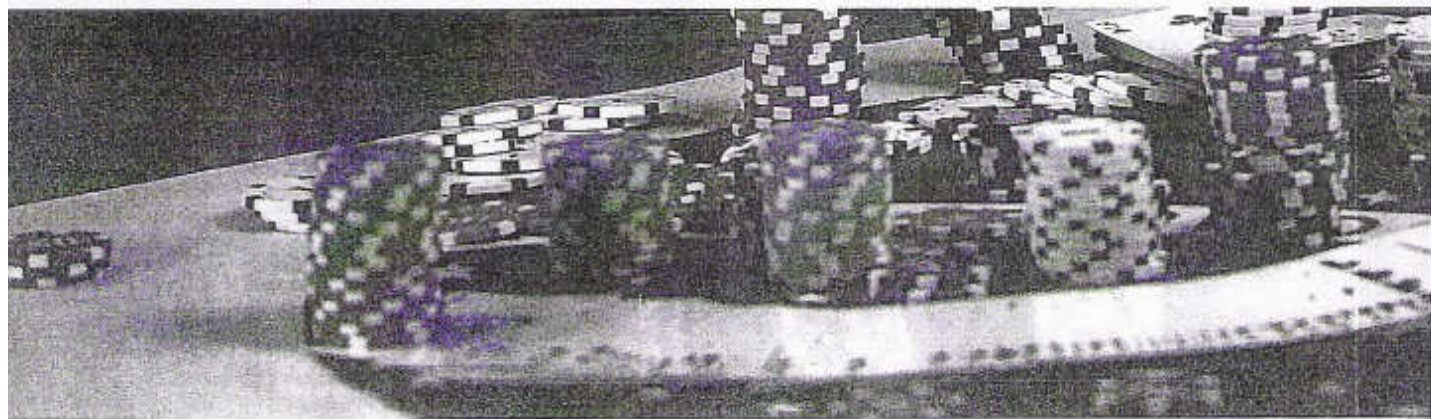
Não sei se era desorganizada, era incompetente. O Banco Rural e o BMG de alguma forma estavam interessados nisso, porque avançaram o dinheiro. Até o momento eles micaram, essa competência toda eles não têm. O Marcos Valério também micou, está com problema. A pergunta que eu fazia em setembro continua a mesma: "De onde veio o dinheiro do valerioduto?" Não respondeu a isso a CPI, não respondeu a isso o Ministério Público. Há hipóteses frouxas, aí eu falo um pouco da cobertura da imprensa. Num primeiro momento, se não fosse a imprensa não vinha à tona Marcos Valério, não vinham à tona deputados que receberam dinheiro, nada disso. iam sentar em cima e pronto. Então a imprensa teve

sacanagens possíveis e imagináveis que teriam sido feitas ao longo desse tempo". Aí, sim, "vamos falar do filho do Lula, vamos falar de Ribeirão, vamos trazer Santo André de novo, vamos trazer o Toninho da Barcelona"... Eu vi na CPI um sujeito depondo de macacão laranja, um doleiro. O Toninho da Barcelona era piada, falava o que quisessem, ele queria era sair do isolamento durante alguns dias. O pobre do sujeito estava conversando com besouro na cela, o besouro era o grande amigo dele, aí aparece a oportunidade... onde é que nós chegamos! Isso dá uma tese de mesurado ótimo, quantas denúncias diferentes foram feitas a partir de setembro e a média de dias que durou cada uma. Não duravam dois dias, três dias, já era outra diferente. As cifras que apareciam eram assim: "Foram desviados 400 milhões de dólares". Uma vez cheguei pra um colega meu, repórter sério, correto, falei: "Você botou isso no meio da matéria?

a pautar inteiramente a cobertura da imprensa. E isso foi agravado porque essa CPI foi a primeira em tempo real, a população via os depoimentos via aquela coisa acontecer e tornava aquilo como expressão da verdade. É qual o papel da imprensa nisso? Em princípio, a mídia faz uma mediação entre os fatos e quem lê, quem vê. Nós não fizemos nada. Então, se o sujeito fosse lá e tivesse uma boa performance, falasse coisas do arca-da-velha com convicção, aquele cheiro de verdade se tornava verdade...

Marina Amaral – O Jefferson é um deles...

Mas não foi o único. O Duda Mendonça foi uma coisa extraordinária, ele não estava nem sequer convidado pra depor naquele dia, mas ele sente o quê? "Estão chegando em mim, quero ir depor." Foi lá e botou a versão que era mais conveniente pra ele. Não que depositava dinheiro



papel fundamental em mostrar a ação promíscua, ilegal e clandestina do PT com os outros partidos da base aliada. De mostrar quem recebeu o dinheiro do ponto de vista das lideranças dos partidos e dos chefes regionais do PT, deputado que pegou, evidentemente não pra votar com o governo, porque já votava. Tudo isso a imprensa deu. Mas chega um momento em que você tem que fechar a história, nós jornalistas temos que fechar, a pergunta-chave era: "De onde veio o dinheiro e pra onde foi o dinheiro?" É isso que explica a história, o resto é discurso. Pra explicar de onde veio o dinheiro, você tem que mostrar: "Aqui se roubou, aqui se fez isso etc.". Quando dá setembro, eu olho: "Ah, isso está ficando esquisito". Esquisito porque a CPI começa a rodar em círculos, não consegue chegar à lugar nenhum. Aí o que ela faz? Ela muda, em vez de ir em cima do valerioduto até o fim, começa a levantar as hipóteses mais absurdas: então, "o dinheiro veio do exterior" – como é paraíso fiscal, investiga, chama doleiro, olha, tivemos ali quinze, vinte dias atirando pra tudo que é lado. Não, não, "veio de fundos de pensão que perderam de propósito dinheiro pra alguns bancos". Tivemos ali duas, três semanas, o deputado ACM Neto fez todo um trabalho, onde apontava quem ganhou, quem perdeu, nada daquilo se sustenta, os caras do mercado financeiro com quem eu conversava davam risada com aquilo. Os grandes fundos de pensão, Previ, Petros, Centrus, foram pra lá, apresentaram, não queriam acreditar e ao mesmo tempo a CPI começa visivelmente a sair do assunto valerioduto e entra no seguinte: "Já que não conseguimos provar que existe uma corrupção sistêmica" – eles poderiam perfeitamente ter provado que houve um esquema montado para roubar, mas acharam que isso era pouco –, "vamos falar de todas as

Quatrocentos milhões de dólares tinha que ser a manchete do jornal. Ou é verdade e é a manchete do jornal ou isso não existiu e você não pode estar falando uma coisa dessas! "É, realmente, porque..." Não eram 400 milhões, ou seja, escrevia-se qualquer coisa.

Marina Amaral – Você acha que a imprensa tinha consciência desde o começo que a origem do dinheiro era essa do lobby frustrado?

Eu acho que a imprensa não foi pra isso de sacanagem, ela foi por falta de inteligência. Uma coisa básica da cobertura política é: "Desconfie de tudo o que ele fala, porque tudo o que ele fala tem interesse por trás; isso não quer dizer que você descarte o que ele fala, mas não acredite piamente em qualquer coisa que ele fale". Cobertura de CPI é algo complicadíssimo, sempre foi. Por quê? Porque fica nos holofotes, porque tem poder de justiça, quebra sigilo, faz isso e aquilo e tem a mídia, junta o poder midiático com o poder de justiça, então é uma coisa brutal. E deputado a fim de correr atrás de voto. A opinião pública, motivada por aquilo, já entra no Coliseu com o dedo virado pra baixo, não quer meios tons, quer o seguinte: "Cortem cabeças, cortem cabeças". Então é uma cobertura absolutamente exasperada. Dentro das redações começa a luta pelo furo nosso de cada dia. Que é o quê? É pedir ao deputado que está na CPI que lhe passe alguma coisa naquele dia pra você fechar a sua matéria e ter impacto. Até já brinquei com isso no meu livro sobre reportagem política antes dessa crise, falando da minha experiência com as outras CPIs: a coisa deprimida a tal ponto, que no final você não sabe se é o repórter que tem a fonte ou se é a fonte que tem o repórter. Alguns parlamentares começaram

no exterior, ele sempre fez isso. Não, passou a dizer: "O PT disse pra mim que precisava me pagar no exterior, senão eu não recebia". Fez isso tão bem, que quase o governo caiu naquele dia. Os deputados do PT chorando no plenário, um no ombro do outro, ou seja, todo mundo acreditou no Duda Mendonça, isso é extraordinário, eles acreditaram no Duda Mendonça! O fenômeno midiático passou a prevalecer, então, se o sujeito desse um depoimento convincente... Isso poderia ter tido uma mediação melhor da mídia, mas era difícil, além do que tivemos uma agravante, nunca vi um caso de desmoralamento político como o do PT nesse processo. Deputados e senadores do PT se desmoralizaram, aquilo foi um mingau. O sujeito falava qualquer coisa e não tinha ninguém do PT pra dizer: "Espera um instantinho, não é bem assim, vocês já fizeram...". Ninguém travava a luta política. Você lá perguntar a qualquer deputado do PT, o cara dizia: "Tem que investigar". Claro! Mas, além de investigar, o que você acha disso? "Não, não, eu acho que tem que investigar." Aquele famoso negócio que existe nas redações, "ouvir os dois lados", se reduziu a uma formalidade. Você ouvia os dois lados, um dizia: "É um bando de ladrões, trata-se da corja mais podre". E o outro lado: "Tem que investigar, tem que investigar". O sujeito em casa vê o espetáculo da CPI, existe uma intenção, absolutamente normal, de manipulação política, o governo não se defende, os deputados do governo dizem: "Tem que investigar". Formou-se um pensamento único e a imprensa foi junto. Tínhamos feito um belíssimo trabalho até setembro, não foi a CPI que desencavou nada, foi a imprensa, e ali perdemos o fio da meada, que era: "De onde veio o dinheiro do valerioduto?" E até hoje não sabemos, porque a partir

daí passamos a ser puxados pelo nariz pelos meninos da CPI. Eu me tornei chato, no *Jornal Nacional*, a cada dois comentários, um eu dizia: "Precisamos responder à questão: de onde veio o dinheiro do valerioduto?"

Sérgio de Souza - Mas os donos dos veículos você não acha que têm um viés tucano? Não estavam fazendo oposição ao governo igual ao ACM Neto?

Prefiro considerar que era complicada a cobertura. Vou dizer uma coisa que, depois de tudo o que falei, parece uma heresia: a imprensa se transformou numa indústria e a indústria da informação se transformou numa indústria tão pesada, tão cara, que ela não pode se dirigir a um público partidário. Os grandes jornais, as grandes rádios, as grandes televisões não podem ficar se dirigindo para um público só partidário, não conseguem. São obrigados a se dirigir a um público plural. A cobertura

Meu contrato não foi renovado. Vou contar a história, como já contei diversas vezes publicamente. Trabalhei na TV Globo oito anos e meio, nas Organizações Globo onze anos, é uma vida. Sempre tive na Globo um espaço político extraordinário, a Globo nunca me censurou. Evidentemente sei onde piso, agora, gozei de uma liberdade extraordinária. Meus comentários nunca passaram por censura, ver se pode sair ou não. No *Jornal Nacional*, sempre tinha uma conversa antes com o editor, que não era uma censura, porque com a maioria das observações feitas eu concordava, mas vamos nessa batida até setembro, outubro. Nesse momento em que eu falo da crise, a partir de setembro, outubro, comecei a sentir que estava ficando uma situação espinhosa. O meu comentário não expressava exatamente o rumo da cobertura, aparecia uma matéria dizendo: "Está tudo provado da corrupção". E eu dizendo: "Tem que provar

da Central Globo de Jornalismo, com quem sempre tive uma relação excepcional - vou lembrar isto: fui diretor de jornalismo em Brasília, participei do núcleo que coordenou a cobertura das últimas eleições, que a meu ver foi um momento excepcional da TV Globo, fiz comentários em todos os jornais -, fui e disse: "Estou achando que a situação está se esgarçando, estou há oito anos e pouco aqui, sempre foi ótimo, só que é como casamento, tem que ser bom para continuar, e estou na dúvida, sinceramente, meu contrato termina em maio, estou na dúvida se vale a pena renovar e queria discutir isso abertamente com vocês". "O que é isso, Franklin? O que você está falando?" Citei diversas coisas. "O único problema que houve foi o do *Jornal Nacional*, que não está na nossa esfera, o resto não houve nada, isso é bobagem, eu vou resolver, você está vendo fantasma, não tem nada disso. Franklin, vai tirar suas férias, quando



das televisões foi menos veemente do que a dos jornais porque o público é mais plural. Acho que essa CPI não julgou apenas os crimes cometidos pelo PT, ou pessoas do PT que cometeram crimes, não julgou apenas os erros políticos do governo, monumentais, acho que a imprensa será julgada, cada órgão em particular, cada jornalista. Eu serei julgada, evidente: "Cobriu bem? Cobriu mal?" Porque comoveu o país e no final... olha que coisa, toda a imprensa fez uma cobertura de modo geral absolutamente contrária ao governo, se o Lula for reeleito, como é que fica? O país olha e diz: "Tá bom, o Lula pode ser isso tudo, mas eu quero ele assim mesmo". E como é que a imprensa fica? Não fica bem.

Sérgio de Souza - E a *Veja*?

A *Veja* é um caso diferente. Eu não falo sobre nenhum órgão. A *Veja* ultrapassou todos os limites, não entendo porque a *Veja* fez isso com a *Veja*. Uma coisa está recedendo. Publicou pelo menos três grandes barrigas: o negócio das Faras, o negócio dos dólares de Cuba e o negócio do Daniel Dantas. O do Daniel Dantas é uma alucinação. A *Veja*: "Eu não acredito nisso que estou publicando, mas vou publicar assim mesmo antes que alguém publique". Acho que ela será julgada também.

Palmério Dória - Mas o Diogo Mainardi, colunista da *Veja*, tentou acertar você e dizem que você saiu da Globo por causa disso.

É o seguinte: por que eu saí da Globo vocês terão que perguntar à Globo. Eu posso contar o que sei, mas não posso contar que saí da Globo por causa disso.

Sérgio de Souza - Você foi demitido?

de onde veio o dinheiro do valerioduto". Havia uma dupla mensagem, digamos assim, e isso devia causar algum tipo de incômodo. As negociações dos meus comentários no *Jornal Nacional* se tornaram mais difíceis, mais tensas, mas não chegou a haver nenhum problema...

Thiago Domenici - Você conversava com quem? Com o William Bonner diretamente?

Não quero falar em nomes. Alguém lá da direção, não quero dizer que é fulano porque dá a impressão de que foi fulano que fez isso. Então vai ficando uma coisa mais penosa, quando dá dezembro a direção me chama e diz: "A Globo decidiu que não vai ter mais comentarista no *Jornal Nacional*, nem você, nem o Jabor, nem o Chico". Eu digo: "Acho um erro, o comentarista no *Jornal Nacional* é uma coisa positiva para o jornal, podemos até não estar fazendo bem, mas acho um erro". "É, mas isso é uma decisão editorial superior." Eu digo: "Bom, então não tem o que discutir, sinto como uma perda porque gostava de fazer os comentários para o *Jornal Nacional*, achava importante, mas já trabalhava na Globo antes de fazer comentário para o *Jornal Nacional*, o mundo não vem abaixo por causa disso, vou continuar fazendo meus comentários em outros jornais". "Não tem problema nenhum, está tudo certo." Entrou janeiro, fevereiro - as grandes corporações se movem por cheiros no ar -, com mais facilidade me dizem: "Hoje tem um problema de tempo, será que não dá pra hoje você não comentar?" E tal. Vou ser franco, tenho certeza de que não era decidido lá em cima. Vai acontecendo, as pessoas vão cheirando coisas no ar e vão tentando adivinhar. Comecei a sentir um ambiente assim, comecei a entrar menos no ar, quando foi março eu já saí de férias, fui à direção

de onde veio o dinheiro do valerioduto". Havia uma dupla mensagem, digamos assim, e isso devia causar algum tipo de incômodo. As negociações dos meus comentários no *Jornal Nacional* se tornaram mais difíceis, mais tensas, mas não chegou a haver nenhum problema... você voltar nós discutimos valores." E a última coisa que me disseram foi: "Franklin, você tem uma posição consolidada na TV Globo". Eu, consolidado, saí de férias. Alí estou lá na Espanha, recebo uma cópia daquele negócio que o Mainardi escreveu, evidentemente meu sangue subiu, eu queria matar o cara, eu sou assim, ninguém me chama de safado etc. e sai andando. Liguei para a TV Globo, falei com a direção da Central Globo de Jornalismo: "O que vocês estão achando?" "Achamos isso uma canalhice." "E o que vocês pretendem fazer?" "Nós achamos que o problema é seu." Eu achava que o problema de me defender era meu, evidentemente, mas achava que a TV Globo devia ter dado uma manifestação de solidariedade - "achamos uma indignidade", alguma coisa devia ter dito, mas pode ser só uma certa posição de lavagem de mãos diante de um assunto incômodo, não quero tirar outras conclusões disso. E, já que o assunto era meu, eu disse: "Vou escrever uma resposta e vou processar esse sujeito". Escrevi minha resposta, não submeti à Rede Globo porque o assunto era meu. Se ela dissesse "o assunto é nosso", eu ia submeter à TV Globo, mas, já que não era, escrevo o que eu quero, abri o processo contra o sujeito: por direito de resposta na *Veja*, queixa-crime por calúnia e difamação e uma ação civil. Estou convencido de que vou ganhar as três, quero ver ele provar aquilo que disse ali. Chego no Brasil, vejo o recado que a Central Globo de Jornalismo queria falar comigo. E eles me disseram o seguinte: "Franklin, como é que está? Como foi de férias? Esse negócio do Mainardi, que canalhice! Ó, Franklin, nós fizemos uma pesquisa qualitativa muito grande, vários grupos aqui, todos os jornais, todos os telejornais, todos os âncoras, os comentaristas e tivemos uma surpresa: a sua imagem

diante do telespectador é fraco". Eu olhei: "Como é que é?" "É, sua imagem é fraca."

Marcos Zibordi – Durante oito anos.

É aí que me estenderam um papelzinho que tinha uma foto minha e cinco tópicos do que a qualitativa tinha dito a meu respeito. A primeira era assim: "Alguns entrevistados não souberam dizer quem era". A outra dizia: "Fala sobre as coisas da política, as coisas de Brasília". Terceiro: "Dá menos opinião e mais informação" – o que considero um extraordinário reconhecimento do que eu quero fazer como profissional. Quarto: "Faz comentários muito equilibrados" – a mesma coisa. E eu digo: "Bom, e aí?" E aí nós pensamos melhor, eu pensei melhor, e decidi não renovar o seu contrato." Eu digo: "Espera aí, conta outra!" "Não, não, é isso." "Ó, fulano (pede que não coloquemos o nome), eu sai de férias você dizendo que minha posição é consolidada; agora você diz que

fiz coisas que acho inacreditáveis que tenham sido oferecidas a mim, uma pessoa de esquerda. Não sou o primeiro e nem serei o último jornalista a ser demitido em condições meio esquisitas, isso é muito mais comum em jornal do que se imagina. Evidentemente que fere, que marca, mas evidentemente vou dar a volta por cima, e vou dizer o seguinte: fui contratado pela Bandeirantes logo em seguida e estou achando ótimo trabalhar na Bandeirantes.

Palmério Dória – Como é que esses escândalos, como o dos sanguessugas, atingem o Congresso? É bancada de 60 por cento de evangélicos, uma escutumbação!

Chegamos ao fundo do poço. Tem que ter claro que esse sistema eleitoral não dá mais. Os partidos não escolhem candidatos de acordo com o compromisso que eles têm com as ideias do partido. O partido é o seguinte: "Preciso escolher alguns campeões de voto, que é para a legenda".

João de Barros – Não foi por causa da própria aliança que ele formou no início, com PF, PL e tal?

Acho que não. Essa é uma questão que o PT vai ter que tentar responder e todos nós, que nos interessamos por política, devemos tentar responder. Acho que o PT, a partir da derrota de 1998, fez um movimento – a meu ver correto do ponto de vista político – que foi entender o seguinte: "Não ganho falando só pra esquerda, preciso fazer uma aliança e me dirigir pro centro. Não sou um partido revolucionário, sou um partido pra fazer reforma no país e melhorar a vida do povo". É isso. Mas ele faz esse movimento sem ajustar as contas internamente, sem dizer: "Eu erre aqui, fiz isso aqui". É mais: a gente vai mudando, sem perceber que está mudando, e um dia chega lá. Quando chega próximo à eleição, ele faz a Carta aos Brasileiros. É um documento extremamente importante, e o governo Lula honrou esse documento. Mas muita gente achava que a Carta aos Brasileiros era

"Chegamos ao fundo do poço. O deputado se julga dono do mandato. O eleitor e o partido não têm controle."

saiu numa pesquisa uma coisa assim, todo mundo vai achar evidentemente que tem alguma coisa a ver com o Diogo Mainardi. Tem alguma coisa a ver com isso?" "Eu sou peremptório, não tem nada a ver com isso." "Mas todo mundo vai achar que tem, e aí?" "Não, não." Aí eu olhei: "Então não há o que discutir, mas é o seguinte: tenho o *Fatos e Versões* pra gravar amanhã, como é que faz?" "Não, você não precisa gravar mais nada na TV Globo." "Está vendo, é alguma coisa diferente de a minha imagem estar fraca, porque, se minha imagem estivesse fraca, talvez você tivesse dito: 'Você não quer ficar na Globo News, fazer alguma coisa?' Não, alguma coisa aconteceu que eu não sei o que é e você não quer me dizer, e acho que devia me dizer." "Não, não." "Então está bom." Sai dali, passam uns quinze minutos, liga alguém da Central Globo de Jornalismo, outra pessoa e diz: "Franklin, queríamos combinar uma versão com você". "Como, combinar uma versão?" "É, porque esse negócio de que você saiu por causa de sua imagem ser fraca, isso passa uma mão de merda em você." A expressão foi essa, "Você não vai conseguir emprego em lugar nenhum, é uma sacanagem com você." Eu disse: "Me desculpe, não tenho versão nenhuma para combinar, porque é o seguinte: mão de merda vocês estão me passando quando eu, debaixo de um ataque, com calúnia etc., em vez de me darem solidariedade, vocês não estão renovando o contrato; podiam dizer: 'Vamos prorrogar por mais três, quatro meses, deixar passar isso'. Não, vocês resolveram fazer agora, é um direito que vocês têm, da minha empregabilidade cuida eu. Não tenho nenhuma versão, vou dizer exatamente o que aconteceu". Isso que eu disse aqui. E mais: não vou falar mal da Globo. Trabalhei oito anos e meio na Globo, oito anos extraordinários, tive desafios fantásticos,

Então ele sai pegando o quê? Um jovem, um procurador, um delegado de polícia, uma radialista, um cantor de rádio, um sujeito que é forte naquele bairro, no município etc. Aí monta uma chapa de catadores de voto, não uma chapa de candidatos do partido. Os catadores de voto sabem disso, "eles estão me dando a legenda porque eu trago voto". Então, o cara faz a campanha e alguns deles são eleitos. Como é que o eleitor vota? Sempre digo o seguinte: o eleitor vota bem na eleição majoritária, para presidente, governador, prefeito. Porque escolheu alguma coisa. Já para deputado não significa nada. Vota porque prometeu construir uma obra, a tia pediu, não tem nenhum critério político. O deputado se elege e se considera dono do mandato. E pra fazer o quê? Pra se dar bem! Claro que tem gente séria etc., mas todo mundo faz carreira solo. Ninguém mais faz carreira partidária. O eleitor não tem controle, o partido não tem controle. Esse processo veio se deteriorando ao longo do tempo. Esse sistema eleitoral produziu isso. Cubro o Congresso desde a Constituinte e toda Câmara é pior que a anterior.

Hamilton Octavio de Souza – Os partidos ainda são ideológicos?

Não são. Mas acho normal que não sejam. Eles podem ter grupos dentro deles que sejam ideológicos, mas têm que falar com um espectro social cada vez mais amplo. O PT, por exemplo, pode falar pra esquerda, tudo bem, mas, além de falar pra esquerda, vai ter que falar pra um setor de centro-esquerda. Vai fazer alianças e vai trocar com partidos de centro.

Marina Amaral – Por que o partido mais coeso ruiu tão rápido? Por que o PT demorou tanto a reagir diante da crise?

Ótima pergunta. Não tenho uma resposta muito clara...

um expediente eleitoral. A esquerda do PT achava, o mercado financeiro achava, tanto que o dólar foi a 4 reais. E achava o seguinte: "Quando a gente chegar lá, crau, a gente muda tudo". Mas o Lula chegou lá e cumpriu tudo aquilo. O PT chegou no governo para a festa, mas aí começou a ter um certo mal-estar que dizia o seguinte: "Não estou sendo no governo o que achei que iria ser". Então eu diria o seguinte: a transição foi feita na cúpula do PT, não no conjunto do partido, e aí ficou essa coisa descompensada, e esse é um primeiro problema. Um segundo problema, é uma contradição que o PT carrega e que vale boas teses de doutorado: a contradição entre as concepções de partido que existiam dentro dele. Ele se forma com algumas vertentes, a esquerda católica, uma esquerda revolucionária que ainda tinha um pé no leninismo, pelo menos uma concepção de partido centralizado, e os sindicalistas. O que acontece? As primeiras direções são absolutamente amorfas, você não sabe pra qual lado o PT vai. Num determinado momento se encontram Lula e Zé Dirceu. O Lula diz assim: "Não aguento mais esse partido, porque a gente discute, discute, discute e não chega em canto nenhum. Porque esse partido não funciona". E o Zé Dirceu dizendo: "Tem um jeito de esse partido funcionar, é tendo uma espinha dorsal". E traz a visão do partido centralizado. A visão de uma vanguarda disciplinada que faz o partido andar. Casa-se o desespero do Lula com a ineficiência do PT e a concepção de partido que o Zé Dirceu traz. E aí se abre uma contradição: isso dá uma eficácia que o PT nunca tinha tido, e ele começa a ganhar musculatura, começa a conquistar prefeituras, cresce, se afirma, se consolida. Porque essa chamada estrutura leninista dá eficiência mesmo. Mas essa espinha dorsal não está tendo contato com a sociedade, ganhou uma certa independência

em relação à sociedade, então, o PT passou a ter dois partidos dentro dele. Um que completou o movimento e teve que chegar pro centro. O resto não completou, e começou a considerar: "O que estou fazendo nesse partido?" O partido leninista funciona muito bem em época de ditadura, ele protege a atividade política da polícia, mas em épocas de democracia ele protege a atividade política da influência da sociedade, ele tem esse problema, então tem que mudar. E o PT viveu essa crise.

Marina Amaral – Você acha que ele sai diferente da crise?

Saiu diferente em algumas coisas, não completou seu movimento ainda. Deu freio de arrumação, ajustou e vamos pra eleição, ver o que dá, mas ele ainda vai ter que mudar.

Hamilton Octavio de Souza – É o lulismo nessa história? Primeiro, acho que essa concepção de partido centralizado perdeu força, ele não comanda mais o partido, embora continue forte dentro do PT. Segundo, São Paulo perdeu força, essa é uma questão importantíssima, essa concepção era mais forte em São Paulo do que em qualquer outro lugar do Brasil. Quem é hoje em dia de São Paulo que está no comando nacional do PT e do governo, tirando Berzoini?

Renato Pompeu – Como é que o próximo presidente vai governar?

Depende de quem for. Duas hipóteses, Lula ou Aécio, não acredito que Heloisa Helena vá ganhar a eleição. Se for o Lula, vamos ter uma situação diferente da atual, porque o Lula não é candidato em 2010. Isso faz uma diferença, não é candidato e é um grande eleitor, então deixa de ser um cara em que todo mundo está querendo bater e passa a ser um sujeito com quem muita gente quer estabelecer uma ponte. Segundo, a oposição tem dois candidatos declarados: Aécio e Serra. Isso quer dizer que, de alguma forma, os dois vão brigar entre si e, de alguma forma, vão disputar algum tipo de aproximação com Lula. Isso quer dizer que o Lula vai jogar a carta do Aécio ou do Serra? Não necessariamente, ele pode jogar a carta do Ciro, pode pegar o Mercadante, vamos dizer que o Mercadante seja derrotado em São Paulo, "Mercadante, você vai virar ministro da Educação e vamos fazer da educação a grande coisa desse governo." E faz o Mercadante virar o que foi o Serra no governo do Fernando Henrique. Ele tem várias cartas. O jogo político fica mais complexo, mais sofisticado. Não acho que vamos ter um cerco em cima do Lula, porque não interessa ao Serra uma terra arrasada num segundo mandato se ele acha que tem chance de ganhar o governo em 2010, interessa a ele receber um país melhor. Interessa ao Aécio uma terra arrasada? Não interessa, então vamos ter um jogo político mais sofisticado. Ainda mais, espero que o Lula, se vencer a eleição, tenha sensibilidade pra fazer uma aliança explícita, aberta, transparente, na frente do país inteiro, com o PMDB, para o bem ou para o mal.

Hamilton Octavio de Souza – Qual PMDB?

Qual PMDB? Esse é o erro, é todo o PMDB. Isso quer dizer que todo mundo vai votar com ele? Não. Uma política é isso: você constrói, como diria o Coutinho (*técnico da Seleção que disputou a Copa de 1978*), o ponto futuro.

Hamilton Octavio de Souza – Mas você tem um PMDB que já está com ele, e um outro que não está com ele. Ele vai ter que juntar todo mundo. Agora, não vai poder chegar e dizer: "Dois ministérios pro PMDB". No primeiro

governo, ele deu 22 ministérios pro PT e dois pro PMDB. Por que precisava de 22 ministérios pro PT?

Hamilton Octavio de Souza – Não, mas na política quem vai tocar são os que já estão com ele desde o primeiro momento...

Não, não... Ele pode cobrar, pode dizer: "Ótimo, gostei muito, já está comigo desde o primeiro momento. Mas quero governar melhor, agora: você, em vez de 22, PT, vai ter doze. O PMDB vai ter seis". Aqui entre nós, por que ministro precisa ser de partido? Aliás, muitos dos melhores ministros do Lula não são de partido. Então amplia... Outra hipótese: ganha o Aécio. Não é o mais provável, está com dificuldade, mas já vi coisas do arca-da-velha na política, não descartaria.

Sérgio de Souza – Pode aparecer um Abílio Diniz aí...

É, é, uma coisa qualquer... Ou seja, não é o que tende a acontecer, mas... Não pegamos nem o horário de propaganda gratuita ainda... Então, o Aécio ganha a eleição. Ele vai ter um problema, porque o Aécio e o Serra são candidatos em 2010, e o Aécio não poderia ser. Esse é um dos problemas do Aécio pra ganhar a eleição, o Serra e o Aécio preferem o Lula.

Michaela Pivetti – Afinal, como foi esse governo do Lula ou do PT pra história brasileira, o que representou?

De um ponto de vista econômico, é um governo que arrumou a casa. Encontro muita gente que diz: "Mas ele tinha que ter feito outra diretoria do Banco Central...". Eu acho que ele fez o que está na Carta aos Brasileiros, do ponto de vista econômico. E isso significa o quê? "Eu não tenho base política pra ir a nada além disso." Isso significa o quê? Um ambiente macroeconômico mais ou menos o que está aí e aos poucos ir alterando o quadro. Retirar o país da beira do abismo; estávamos com o dólar a 4, inflação começando a disparar. Se você me disser, "tinha uma grande estratégia?", não. O negócio foi o seguinte: "Tenho que sair daqui porque está perigoso".

Michaela Pivetti – O governo também não está incomodando ninguém, na verdade flerta nos salões das finanças internacionais...

Mas e daí? Não vejo problema nenhum. Ele está conseguindo o que quer. Ele juntou o G-20... Diplomacia é você reduzir zonas de atrito pra chegar mais perto do seu projeto, não aumentar zonas de atrito para fazer comércio. Até o fato de termos discutido política externa nestes últimos quatro anos como nunca discutimos no Brasil é sintomático desse fato de termos uma política externa viva.

João de Barros – A estratégia do presidente de fazer comparação com o governo anterior então dá vantagem a ele?

Evidente. Por isso ele faz. Vê se ele faz em corrupção? Não. Não é que não teve, mas é que não é legal pra ele.

Roberto Manera – Isso eu gostaria de saber: você acha que a imprensa pode ter sido pouco proficiente no governo passado quando não deu a mesma repercussão a fatos como a compra de votos para a reeleição, aquelas manipulações durante o processo de privatização... Não seriam escândalos bem mais poderosos?

Seriam. Mas repare só. O que fez esse escândalo vir à tona e outros escândalos? Eu não tenho dúvida de que no processo de privatização houve coisas que se tivessem vindo à tona teriam sido extremamente desgastantes para o governo Fernando Henrique. Não acredito que

um processo que moveu 80 bilhões de dólares não teve aí uma irrigação por baixo etc.

Roberto Manera – Não, mas é que há evidências e tudo... Qual é a diferença de um pro outro? O governo Lula foi um desastre em termos políticos. O governo Fernando Henrique não deixou ter CPI. O governo Lula achava que no grito lá impedir CPI. Nenhum governo gosta de CPI, quem gosta de CPI é oposição, pra criar problema pro governo, sempre foi assim. Aí, quando chega o negócio do Roberto Jefferson, é evidente que vinha CPI. E o que eles fazem? Tentam impedir a CPI no grito. Como não impedem, aí está o partido desmoralizado depois. Então, a diferença que tem entre uma coisa e outra não é imprudente; a imprensa é a consequência dessa coisa mais de fundo, que é o seguinte: um teve CPI e o outro não teve CPI. Se tivesse tido CPI no governo Fernando Henrique em cima da privatização, talvez fosse diferente. O problema é o seguinte: o PT não tinha maioria no Congresso e não se preocupou em construir maioria. Isso é erro político crasso; não tem governo que se sustente com isso. Imagine se o Aécio perde a maioria na Assembleia? O que ia acontecer aqui em São Paulo? Não existe governo no Brasil que tenha perdido a maioria política e tenha sobrevivido.

Roberto Manera – Chega pra um funcionário desses de segundo escalão, como era o caso do André Lara Resende, pergunta: "Vem cá, amigão, você mexeu paizinhos pra isso aí?" "Por quê?" "Porque tem aqui uma gravação sua que é terrível, isso aqui dá cana em qualquer país do mundo." Se um repórter faz isso, ele não tem saída. Quer dizer, a imprensa não quis fazer. Se tivesse tido CPI, o repórter faria. Não teve CPI. Aí é o seguinte: qual é a boa vontade ou a má vontade da imprensa tal, do jornal tal etc.

Hamilton Octavio de Souza – Eu tenho uma curiosidade: depois dessa sua trajetória, você conseguiu se firmar como jornalista e ser conhecido na televisão, que é o grande veículo de massa, que faz a cabeça e tal. A Globo tem uma relação bastante, vamos dizer, contraditória com a sociedade. Muita gente de projeção não consegue ser simpático, há dificuldades, e jornalista menos ainda, alguns jornalistas da Globo são odiados, mas você conseguiu passar um negócio difícil na televisão, que é credibilidade...

Não, não, mas eu estava com a imagem fraca no final. Olha, sou da seguinte opinião: a minha função como jornalista não é fazer a cabeça de ninguém. É informar. Acho que um cara que é comentarista mescla três ingredientes: informação, interpretação da notícia e opinião. Acho que jornalista deve dar pouca opinião. Eu acho que nós devemos dar mais informação da notícia e interpretação. Na televisão, mais ainda. Porque é um público extremamente plural e não tenho muito tempo, não é fácil eu estar passando coisa, então me dediquei sempre mais a interpretar a notícia. "Olha, cuidado que isso pode não ser exatamente isso, pode ser isso também"; "olha, isso aqui é isso, mas tem mais isso aqui, que está ao redor ou por trás da notícia". Evidentemente sempre tive a preocupação de não agredir quem pensa diferente, não quero ir lá e pifar uma opinião. Quero que o cara me ouça, tenho respeito por quem pensa diferente de mim, ele tem esse direito. Sou um democrata, e não da boca pra fora. ■